



## Capítulo um

Sexta-feira, 23 de maio • • • Terceiro ano  
do ensino médio

Eu devia simplesmente devolver o relógio do Bryan para a Nordstrom e ir para casa. Em vez disso, estou sentada perto do chafariz circular no Stonybrook Mall, olhando para a vitrine do Sunrise Skin Spa. Ela mostra um pôster de uma mulher sem rugas e o slogan *Volte no tempo*.

Para mim parece bom. Se pudesse voltar no tempo, eu diria muitas coisas para o meu eu mais jovem. Incluindo:

No terceiro ano do ensino fundamental, não deixe Karin Ferris cortar sua franja. Sua melhor amiga não é cabeleireira. Ela vai cortá-la curta demais, acidentalmente. E torta demais. E também não vai ser sua melhor amiga para sempre.

No quinto ano do ensino fundamental, não coloque marshmallows no forninho, mesmo que pareça uma boa ideia. Tostadinho! Molinho! Delícia! Não. Quando eles crescem, a ponta de um dos marshmallows toca no aquecedor, o forninho pega fogo e pelo resto da vida sua família vai contar a história de como você quase botou fogo na casa.





No segundo ano do ensino médio: não deixe seu aparelho ortodôntico em um guardanapo no refeitório — a não ser que queria revirar três latas de lixo cheias de espaguete com almôndegas para encontrá-lo.

Dezembro passado: não compre o jeans Dolly de que você gostou no tamanho 38 porque acha que ele vai ceder. Não vai.

Dia 21 de maio: não compre um relógio de prata como presente surpresa de formatura para Ele, porque senão você vai passar o dia oficial de matar aula no shopping para devolvê-lo. O que me leva à dica mais importante.

Sobre Ele. Bryan.

Se pudesse voltar no tempo, a coisa mais importante que eu diria a mim mesma seria isso: nunca, *jamaïs*, se apaixone pelo Bryan. Eu advertiria minha pessoa de 14 anos para nem sair com Ele, para começar. Ou até melhor: a festa em que nos conhecemos oficialmente quando eu era caloura nunca teria acontecido. Está bem, a festa poderia ter acontecido, mas quando ele me ligou depois e me convidou para sair, eu teria dito não. Gentileza sua me convidar, mas simplesmente não estou interessada. Obrigada, mas não, obrigada. Tenha uma boa vida. Talvez eu dissesse a mim mesma para ficar em casa em vez disso e organizar o armário.

Imagine só. Falar com o meu eu de 14 anos. Quem me dera.

Eu vejo Veronica na Bella Boutique, bem ao lado do Sunrise Skin Spa. Ela acena. Eu aceno de volta.

— Devi! Venha ver a coleção nova! — grita ela — É deslumbrante! — Como se eu fosse lhe dar ouvidos. Foi ela que jurou de pés juntos que meu jeans cederia.

— Eu te dou o desconto de funcionária! — oferece ela, apesar de eu não ter trabalhado nenhum turno desde as férias de Natal.





— Eu venho olhar em um minuto — grito de volta para ela. Vasculho minha bolsa, encontro meu telefone e vou pegar meus recados. Quero ouvir o que ele deixou hoje de manhã. De novo. Só escutei uma vez. Tudo bem, sete vezes. Eu sei: patético. Mas toda vez tenho esperanças de que seja diferente.

— Oi, Devi. Sou eu. — A voz de Bryan é baixa e rouca, como a de um fumante. Nós tentamos fumar uma vez, juntos, no mirante Morgan, no monte Woodrove, quando estávamos no segundo ano. Mas quando nos beijamos, ele estava com gosto de meia suja, então esse foi o final do nosso tabagismo.

Até nosso relacionamento virar fumaça.

— Eu queria que você atendesse — continua dele. — Você sempre atende... — Uma pausa como se ele estivesse esperando que eu atendesse. — Eu sinto muito. Quero dizer, sinto muito, muito mesmo. Nunca quis magoá-la.

O recado ainda está soando no meu ouvido, mas eu mal posso escutar, porque agora estou chorando e minhas bochechas estão todas molhadas e minha mão está toda molhada e como ele poderia ter dito que me amava quando obviamente não amava e...

*Splash!*

Como um sabonete no chuveiro, meu celular escorregou pelos meus dedos e aterrissou dentro do chafariz.

Sensacional. Mais uma coisa para dizer ao meu eu mais jovem (dois segundos mais jovem): não deixe seu celular cair em um pires cheio de cloro verde do tamanho de uma casa. Eu espio dentro da água. Um brilho prateado pisca para mim. É ele? Não. É uma moeda. A fonte está cheia de moedas, além do meu telefone. Existem mesmo pessoas por aí que acreditam que jogar uma moeda na água pode fazer um desejo se realizar?





Ahá! Eu estou vendo, estou vendo! Eu me estico para alcançá-lo, mas ele está longe demais. Deito de barriga para baixo e me estico novamente. Um pouco mais... quase lá...

O celular é afastado do meu alcance pelos jatos circulares de água dentro do chafariz. Ah, caramba... Vou ter que entrar.

Por sorte, estou de chinelo. Olho em volta para me assegurar de que ninguém da segurança está olhando, então fico de pé em cima do banco, enrolo as pernas do meu jeans Dolly que não me permite respirar e entro.

Frio. Escorregadio. Quando olho para baixo, meus dedos do pé estão inchados e pintados de verde. Talvez a água seja radiativa e eu esteja me transformando no Hulk.

Pelo canto do olho, vejo Harry Travis e Kellerman marchando pelo shopping como se fossem os donos do lugar. Harry — definitivamente, um dos caras mais bonitos da nossa turma — tem cabelos escuros, um corpo musculoso, olhos de um azul intenso e a pele mais rosada do mundo. Ele também tem uma barbinha sexy — muito rude e sensual. E o Kellerman — todo mundo só o chama de Kellerman — parece que já faz parte de uma fraternidade. Está sempre usando o boné da Pi Lambda Phi do irmão mais velho e calças de moletom.

Eu me abaixo para que a dupla de veteranos descolados não me veja. Isso simplesmente tornaria o dia de hoje perfeito, não é? A água encharca até os joelhos do meu jeans. Merda, merda, merda! Quando os garotos entram na praça de alimentação, eu fico em pé e tento localizar meu celular. E lá está ele de novo! Uhuu! Equilibrado no topo de uma pirâmide de moedas. Peguei. É!





Agora, só preciso voltar em segurança para o lado...

*Splat.* Os rodamosinhos de água me empurram e, quando vejo, estou estatelada no chão. Ótimo. Simplesmente ótimo. Meus olhos começam a arder.

Eu me levanto e, de volta à segurança da beirada do chafariz, deixo uma trilha de gotinhas verdes brilhantes. Ignoro meu jeans ensopado — quem sabe os produtos químicos não o façam ceder? — e enxugo meu celular na camisa, como se isso fosse adiantar. Por favor, não esteja quebrado, por favor, por favor, por favor. Eu aperto o botão para ligar.

Nenhum som. Nenhuma linha. Nenhum nada.

Vejo Veronica me olhando.

— Você está bem? — berra ela.

Humm, não?

— Estou ótima! — Aceno, e então me viro para o telefone.

Aperto o botão para ligar novamente. Nada ainda. Aperto o botão do um. Nada. O dois. Nada. Três, quatro, cinco, tudo... nada. Seis, sete, oito, nove, o botão do jogo da velha, o botão do volume. Nada, nada, *nada*. Eu chuto o chão. Meus chinelos fazem um som de água espirrando.

Aperto o botão de ligar. De novo. Nada.

Aperto o nove, o oito, o sete, o seis, o cinco, o quatro, o três, o dois, o um, o jogo da velha, o botão de volume. Tudo... nada.

Aperto o botão de enviar. O telefone ressuscita.

Pronto. Não faço ideia para quem eu liguei, mas está tocando.

